

7.07.05 – Psicologia Social

INFLUÊNCIA DA TRAJETÓRIA DE VIDA NA REALIZAÇÃO DE SONHOS E PROJETOS DE JOVENS EM SITUAÇÃO DE EXCLUSÃO SOCIAL

Fabiana M. Schmitt^{1*}, Joana Missio¹, Renata P. Brondani¹, Camila A. Kostulski², Patrícia Paraboni³, Dorian M. Aripini⁴,

1. Pós-graduanda da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

2. Mestre em Psicologia pelo PPGP da UFSM/ Participante Externo

3. Pós-doutora em Psicologia pelo PPGP da UFSM/ Participante Externo

4. Professora do departamento de Psicologia e do PPGP da UFSM/ Orientador

Resumo:

Este artigo resulta de um estudo qualitativo, que teve como objetivo analisar como as trajetórias de vida influenciam na realização de projetos e sonhos de jovens em situação de exclusão social. Os participantes do estudo foram alunos de uma Escola Aberta de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Foram realizadas entrevistas individuais semidirigidas. Os resultados destacam como categoria central de análise a “Vida Loka”, entendendo-a como uma forma de inscrição social, a partir da qual esses jovens se reconhecem como parte de um determinado grupo. Contudo, os resultados indicam também que, quando se aborda a perspectiva de futuro, este estilo “Vida Loka” parece não ser o almejado. Assim, as conclusões destacam a importância da aproximação com esses jovens, pois é através do encontro que eles poderão permitir que os conheçamos, nos apresentando a vida como eles a vivenciam.

Autorização legal: Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM sob CAAE 61015216.2.0000.5346.

Palavras-chave: Juventude; Identidade; Violência.

Apoio financeiro: FIPE/UFSM; PIBIC/Cnpq

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: UFSM

Introdução:

A exclusão social tem sido uma categoria importante e presente nas análises que buscam relacionar violência e direitos civis, considerando que os excluídos de direitos, tornam-se, muitas vezes, os alvos, ou atores mais imediatos da violência (Porto, 2000). A partir desse contexto, Feijó e Assis (2004) colocam que a exclusão social traz consigo variadas formas de discriminação e segregação (a cultural, a étnica, a territorial) bem como, um conjunto de vulnerabilidades de difícil superação presentes no mundo globalizado. A condição de visibilidade na sociedade só é possível na medida em que passa por um reconhecimento da identidade. Kemper (2013) aponta que a identidade se constrói entre o individual e o social, e está sempre ligada a uma cultura, ao laço social, aos valores e às crenças que constituem o sujeito e são ao mesmo tempo por ele construídos. O reconhecimento demarca e nomeia o sujeito, não somente para os outros, como também para si mesmo. Assim, na impossibilidade do reconhecimento e dessa inscrição no social, esgotam-se as referências identificatórias e, conseqüentemente, as possibilidades criativas de existência.

A partir desta perspectiva, o presente trabalho buscou analisar como as trajetórias de vida influenciam na realização de projetos e sonhos de jovens em situação de exclusão social. Observa-se que as bases a partir das quais os sonhos, as expectativas e os projetos de vida são construídos são a experiência, a história de vida e as condições que o ambiente oferta, as quais irão favorecer ou não as capacidades que cada sujeito adquire de efetivar seus projetos. A partir disso, este estudo buscou entender como isto acontece em contextos de violência e exclusão social.

Os jovens contatados para este estudo, participaram, em 2012, de um documentário produzido por integrantes de um Projeto de Extensão em parceria com a TV Campus da UFSM. Nesse documentário, cujo nome não será citado por questões éticas, os participantes discutiram sobre suas histórias de vida, bem como sobre seus sonhos e expectativas para o futuro. Nesse sentido, quatro anos após a realização do documentário, com o intento de compreender os acontecimentos que permearam os contextos e as histórias de vida desses jovens, retomou-se o contato com os mesmos. Também, objetivou-se compreender sobre aspectos que facilitaram e/ou dificultaram a efetivação de seus projetos de vida, bem como identificar situações violentas que influenciaram seus percursos.

Metodologia:

O presente estudo apresenta uma abordagem de caráter qualitativo, o qual busca fornecer dados para a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação, de modo que os fenômenos são

compreendidos a partir dos sujeitos envolvidos (Minayo, 2007). Além disso, esta pesquisa apresenta um caráter longitudinal. Os participantes do presente estudo foram cinco jovens que integraram o referido documentário, sendo que, na segunda etapa da pesquisa, um deles não foi contatado pessoalmente, em razão de estar em privação de liberdade. Em função disso, as informações referentes a ele foram obtidas em entrevista realizada com sua avó. Cabe salientar que o documentário foi realizado com seis participantes, entretanto para este estudo foi possível acessar as informações atuais de cinco jovens, pois um deles, apesar de todas as tentativas, não foi localizado.

Como instrumento para coleta de dados foi utilizada a entrevista semidirigida. É importante considerar que o roteiro da entrevista consistiu em duas partes: na primeira, as perguntas realizadas foram as mesmas para todos os participantes; na segunda, foram elaboradas questões específicas para cada jovem de acordo com as colocações feitas por eles no momento do documentário, de forma a estabelecer um comparativo entre os relatos do documentário e a entrevista.

Em função da proposta metodológica, optou-se por realizar a análise dos dados em diferentes momentos. Primeiro, após a transcrição literal das entrevistas de cada participante, estas foram analisadas individualmente. Cabe destacar que, inicialmente cada membro da equipe de pesquisa fez uma leitura individual das entrevistas e fez sua análise prévia. Após essa etapa, a equipe reuniu-se e, em discussões conjuntas, analisou o material obtido. Realizadas as análises de cada participante, procedemos com a análise final, a partir da qual categorias de análise foram definidas, considerando que determinados temas foram muito frequentes e apresentaram forte carga discursiva, estando alguns deles também presentes nas falas do documentário. Por fim, salienta-se que, a fim de manter os cuidados éticos, serão utilizados nomes fictícios para os participantes do estudo.

Resultados e Discussão:

Os resultados aqui apresentados derivam de um artigo intitulado “‘Vida Loka’: Vivências De Jovens Em Contextos Sociais Críticos”, o qual foi submetido para apreciação em um periódico da área. Esse artigo contém os resultados na íntegra das discussões suscitadas a partir da análise dos resultados do estudo. Sendo assim, a categoria central de análise a ser abordada neste trabalho será a “Vida Loka”, entendida como o modo através do qual estes jovens inscrevem-se socialmente.

Podemos compreender o significado da expressão “Vida Loka” como uma vida intensa, insegura, ameaçadora, com a presença constante do risco e do medo, mas pulsante e desejante (Malvasi, 2011). Logo, percebemos esse estilo de vida como um tipo de tornado que amedronta, bagunça e destrói por onde passa, mas que também se mantém grande, poderoso, vitorioso, em movimento, que deixa suas marcas no caminho. É sobre esse desejo e essa capacidade de colocar brilho em suas trajetórias que seguirá a análise, lançando um desafio para uma direção nem sempre presente quando se aborda o jovem “Vida Loka”.

Assim, a forma como se define esse estilo de vida parece traduzir um estereótipo de jovens frios e insensíveis. Contudo, faz-se necessário romper com esse olhar preconceituoso para ver nesses jovens sonhos e desejos presentes no universo daqueles que representam os ideais sociais.

A expressão “Vida Loka” encontra-se presente em músicas que buscam retratar a realidade desse grupo social. As letras de músicas que falam sobre este tema retratam um pouco desse estilo de vida dos jovens que integraram esse estudo, como por exemplo a música de Mc Rodolphinho, intitulada “Como é Bom Ser Vida Loka”: *“Bolso esquerdo só tem peixe/ E o direito ta cheio de onça/ Ai meu deus como é bom ser vida loka (...)/ Final de semana, só aventura/ Fluxo também, se tem balada/ Casa lotada, se prepara que hoje tem (...)/ Pé no chão, consciente/ Na melhor hora nós ataca/ Imbicamo na agência/ E saímos de veloster sem placa (...)”*.

A partir das falas dos participantes pôde-se inferir que a forma como eles retratam suas experiências apresentam similaridade com o conceito de “Vida Loka”, como por exemplo, quando referem: *“é tipo, é gangue, entendeu? (...) O cara era ‘Vida Loka’, me mandava, todo mundo tinha medo dele na banda, entendeu, aí pegava, tu acha que alguém ia afrontar? Ninguém afrontava, entendeu?”* (Juliana, em 2016). Como também o seguinte fragmento do relato de André: *“o que morreu na frente do funk [amigo](...)Ele foi pro... Pro funk, nessa festinha... Daí os contra dele lá, pegaram e encheram ele de tiro. As bala explosiva* (em 2016). E, por último, a fala de Marcos, quando questionado sobre a adolescência: *“foi ruim, foi horrível, foi violenta, tipo violenta mesmo. Não favela, mas é quase igual, sabe? (...) Passam com arma na mão de bicicleta, de a pé, por causa de guerra”* (em 2016).

Podemos perceber certa aproximação entre as experiências retratadas pelas letras de música e as vivências dos jovens que integraram o estudo. Podemos compreender que dentro do espectro que constitui o modo de “Vida Loka”, encontram-se trajetórias marcadas por violências, perdas, tropeços amorosos, drogas e territórios atravessados por perigos e divergências constantes. Na verdade, esse estilo de vida parece se impor a esses jovens através de mecanismos de exclusão social, invisibilidade, vulnerabilidade e do risco que vivenciam, para que, enfim, seja internalizado e eles se apropriem dele, transformando-o de condição imposta a um “estilo de vida”.

A “Vida Loka” parece se apresentar, para muitos jovens brasileiros, como a única alternativa que a sociedade colocou à disposição dos invisíveis que circulam desamparados e desafiados diante da sociedade (Botelho & Leite, 2008; Leite, 2008). Essa maneira de levar a vida poderia ser compreendida como uma “afiliação” possível para esses jovens, retirando-os de uma posição de passividade diante das contradições e da exclusão social vivenciada cotidianamente. Assim, parece que esse estilo de vida se apresenta como uma forma de inclusão às avessas, inclusão essa que pressupõe viver “loucamente”, expor-se a situações perigosas

e enfrentá-las, muitas vezes, de forma violenta.

Nesse sentido, podemos compreender o envolvimento de jovens de grupos populares com gangues e bondes, que se encontram atravessados por situações envolvendo violências e transgressões. Esses grupos propiciam aos jovens um lugar, assim como a sensação de pertencimento, oferecendo, como uma contrapartida à participação desses jovens, proteção para eles.

Outro aspecto que caracteriza os jovens que vivem uma “Vida Loka” apresenta-se através de uma linguagem própria, que funciona como um código que define a ligação a um território e a uma identidade. Expressões como “cupincho”, “ladaia”, “mina”, “bonde”, “banda”, “os contra”, “pra frente”, “rixa” e “rolé” foram bastante utilizadas pelos jovens entrevistados para descrever suas vivências. Essas expressões parecem funcionar como um código de comunicação e aproximação, sendo, muitas vezes, desconhecidas pelas pessoas que representam outros grupos sociais. Assim, essa forma de comunicação pode ser pensada como um modo de estreitar os laços entre o grupo e fortalecer a identidade construída.

Contudo, podemos afirmar que os jovens que integraram este estudo, a despeito de todos os desafios presentes em seus territórios, seus cotidianos e suas famílias, também mostraram valorizar aspectos como os afetos, a capacidade de ajudar o próximo e o desejo de ver a família reunida, além de projetos de vida profissional, sonhos e lembranças. Esses aspectos podem ser observados nas seguintes falas:

“Ter minha própria casa, viajar” (Karina, em 2016)

“Ter minha casa, tá casado, ter meu carro e ter meu serviço” (Marcos, em 2012).

“Eu quero ser ajudado né, eu quero ajudar as pessoa também né” (André, em 2012).

“Uma profissão (...) Eu sempre quis fazer isso, engenheira e culinária (...) Tipo eu queria trabalhar em lojas, tipo (...) Eu queria poder pegar, fazer meus cursos (...) numa coisa que eu acho legal, entendeu? (Juliana, em 2016).

É interessante observar que os participantes manifestaram sonhos e desejos tanto no documentário, em 2012, quanto na entrevista, em 2016, mesmo que nas entrevistas tenha sido constatado que alguns projetos não se concretizaram. Ainda assim, eles demonstraram ser possível reinventar planos e arquitetar novas estratégias.

Por isso, essas aspirações podem ser pensadas como o oposto de uma “Vida Loka”, o que nos permite inferir que desejariam um futuro diferente desse estilo de vida, distanciando-se do estereótipo endurecido no qual a sociedade os identifica. A fim de compreender esse paradoxo, o conceito de resiliência pode ser de grande valia, uma vez que permite, a partir da criatividade, lidar com os desafios e não esmorecer, quando tudo à volta parece identificá-los a esse modo de viver. O paradoxo seria, afinal, o fato de que mesmo estando imersos nessa “loucura de vida”, caracterizada pela fragilidade, instabilidade e insegurança, esses jovens desejam e sonham com estabilidade, relações afetivas e uma profissão.

Conclusões:

Compreender o que representa a construção da identidade numa experiência de vida, caracterizada como “Vida Loka”, é sem sombra de dúvida algo que convoca à reflexão e a reconhecer as múltiplas e amplas diferenças que fazem parte da experiência de ser jovem e integrar comunidades populares. Para os jovens participantes, a vida adulta parece chegar clamando pelo abandono da “Vida Loka”, que fez (ou ainda faz) parte, essencialmente, do momento da juventude. Assumida para dar conta de diversas brechas psíquicas e sociais geradas pelas situações sociais críticas, esse estilo de vida parece vigorar na juventude da maioria dos sujeitos que vivem esse contexto. A “Vida Loka” estende-se, muitas vezes, até a idade adulta, e cessa - ou melhor, deixa de ser “Loka”, na medida em que algo se transforma, quando os sonhos e projetos de vida parecem estar mais próximos de serem alcançados, ou quando outros caminhos e possibilidades surgem à vista.

Enfim, os jovens “Vida Loka” amam, desejam e sonham, e parece ser justamente esse o grande desconforto que provocam, uma vez que não se definem unicamente como jovens endurecidos, tomados pela agressividade e pela violência. Será certamente pela aproximação que encontraremos caminhos menos invisíveis e excludentes, pois é através do encontro genuíno que eles poderão ter a oportunidade de nos apresentar a vida como eles a vivenciam.

Referências bibliográficas

Botelho, A. P., & Leite, L. C. (2008). Um adolescente com coceira Brasil. Recuperado no pé. In L. C. Leite, M. E. D. Leite, & A. P. Botelho (Orgs.). **Juventude, desafiliação e violência**. (pp. 171-184). Rio de Janeiro: Contra capa Livraria.

Feijó, M. C., & Assis, S. G. de. (2004). O contexto de exclusão social e de vulnerabilidades de jovens infratores e de suas famílias. **Estudos de Psicologia (Natal)**, 9(1), 157-166. Doi: 10.1590/S1413-294X2004000100017.

Kemper, M. L. C. (2013). Invisibilidade, identidade e laço social na contemporaneidade: sobre a exclusão na esfera psíquica e social. **Caderno Psicanálise**. (pp. 105-125). Rio de Janeiro, 35(29), Jul./Dez. Recuperado em 10 de junho de 2017, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cadpsi/v35n29/a07.pdf>

Leite, L. C. (2008). Apresentação. In L. C. Leite, M. E. D. Leite, & A. P. Botelho (Orgs.). **Juventude, desafiliação e**

violencia. (pp. 13-21). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Malvasi, P. A. (2011). Entre a frieza, o cálculo e a “vida loka”: violência e sofrimento no trajeto de um adolescente em cumprimento de medida socioeducativa. **Saúde e Sociedade**, 20(1), 156-170. Doi: 10.1590/S0104-12902011000100018.

Minayo, M. C. de S. (2007). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes.

Porto, M. S. G. (2000). A violência entre a inclusão e a exclusão social. **Tempo Social**, 12(1), 187-200. Doi: 10.1590/S0103-20702000000100010.